

**Evento:** XX Jornada de Extensão - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

**OS PROCESSOS DE FALA E ESCUTA PROPORCIONADOS PELA JUSTIÇA RESTAURATIVA NO ÂMBITO DO PROJETO CIDADANIA PARA TODOS<sup>1</sup>**  
**THE PROCESESSES OF SPEECH AND LISTENING PROVIDED BY RESTORATIVE JUSTICE IN THE SCOPE OF THE CIDADANIA PARA TODOS PROJECT**

**Joana Patias Goi<sup>2</sup>, Emanuele Maycá Soares<sup>3</sup>, Ester Eliana Hauser<sup>4</sup>, Sônia Aparecida Da Costa Fengler<sup>5</sup>, Marina Della Méea Vieira<sup>6</sup>**

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto Cidadania para Todos

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, bolsista PIBEX, joana.goi@hotmail.com

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, manumayca@hotmail.com

<sup>4</sup> Professora do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, Coordenadora do Projeto de Extensão Cidadania para Todos, Orientadora PIBEX, Mestre em Direito pela UFSC, estereh@unijui.edu.br

<sup>5</sup> Professora do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUI, orientadora PIBEX, Mestre em Educação nas Ciências pela UNIJUI, dacosta@unijui.edu.br

<sup>6</sup> Acadêmica do Curso de Graduação em Direito da UNIJUI, bolsista PIBEX, marina.dmv@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O presente resumo pretende refletir sobre os processos de fala e escuta como um potencial espaço de movimento subjetivo na dimensão dos Círculos Restaurativos, propiciados pela Justiça Restaurativa. Os Círculos são vivenciados dentro do Projeto de Extensão Cidadania para Todos, que se caracteriza por ser um projeto de educação para os direitos humanos, desenvolvido no âmbito acadêmico da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, vinculado ao Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais. O projeto é desenvolvido desde o ano de 2006, por professores e alunos dos cursos de Direito e Psicologia, nos municípios de Ijuí, Santa Rosa e Três Passos, introduzindo a Justiça Restaurativa em âmbitos escolares, atingindo um público de jovens estudantes e professores de escolas vinculadas.

**Palavras-chave:** Fala; Escuta; Cidadania; Justiça Restaurativa; Direito e Psicanálise.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento das atividades utilizam-se de práticas e valores da justiça restaurativa, visando a construção de uma cultura de diálogo, escuta, reconhecimento e protagonismo dos sujeitos. As oficinas abordam diferentes temas, entre os quais se destacam as questões de sexualidade e gênero, bullying, violência, direitos fundamentais, construção da identidade, valores civilizatórios, de modo a possibilitar, a partir de um lugar de fala e escuta qualificada, processos de reflexão, empoderamento e responsabilização, que tem como fundamento a empatia, alteridade

**Evento:** XX Jornada de Extensão - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

e uma melhor compreensão das conexões interpessoais.

Durante o trabalho são realizadas oficinas com dinâmicas de grupos, exposições teórico-dialogadas e vídeos, visando sensibilizar a comunidade escolar sobre temas relacionados aos direitos fundamentais mencionados. A abordagem ocorre a partir de uma exposição restaurativa, compreendida como prática alternativa e como uma nova estratégia de enfrentamento dos conflitos e violências, aptas a contribuir para a aprendizagem, para a vivência de valores civilizatórios e para promoção de uma cultura de paz.

A abordagem restaurativa é realizada por intermédio de processos, de modo a promover o encontro entre os sujeitos e o diálogo sobre questões ligadas ao universo da escola, assegurando o reconhecimento aos indivíduos e promovendo a participação ativa de todos, numa perspectiva de maior igualdade, protagonismo e respeito. Neste processo, os círculos de diálogo são fundamentais porque colocam todos os sujeitos como corresponsáveis pelas questões que perpassam a escola e porque neles, todos são chamados a construir “soluções/respostas” para as questões vivenciadas.

O trabalho, antes de se concretizar em efetivas ações de extensão, é desenvolvido por intermédio de pesquisa bibliográfica, com leitura, fichamento e análise crítica de referenciais teóricos e documentais. Este estudo anterior visa subsidiar o planejamento, organização e realização de oficinas de extensão sobre várias temáticas que são trabalhados no âmbito do projeto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Todos os sujeitos, em alguma dimensão, já participaram de um processo grupal. O simples fato de se viver em sociedade faz com que relações interpessoais sejam criadas e vivenciadas diariamente. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2002), “a nossa vida cotidiana é demarcada pela vida em grupo. Logo, é preciso reconhecermos enquanto integrantes de um grupo social e não como sujeitos isolados.”

Várias dessas relações se tornam significativas, trazendo sentimentos à tona, de forma positiva ou negativa. Assim, dá-se importância a esses sentimentos, vinculativos entre pessoas, que possibilitam a construção de espaços em que a palavra circule. Gorjon, Mezzari e Basoli (2019, apud RIBEIRO, 2017), entendem que ao compreender a ideia de grupo, compreendemos também a importância do lugar de fala.

Ziliotto (2004) ao estudar os Quatro Discursos de Lacan, propõe que “é na cadeia do discurso, ou seja, na série de associações que realiza ao falar, que o sujeito se produz.” Desta forma, ressalta-se o valor da fala, da sua importância na constituição do sujeito e do meio em que está inserido.

A linguagem é um dos requisitos que nos diferencia dos demais seres e que desde que a usamos, aprimoramos nossos códigos e nossos meios de expressão com a finalidade de nos relacionarmos. Posto isto, o espaço de fala em grupos pode ser entendido como uma forma de criação de vínculo com os demais, pois através deste apresentam-se as singularidades de cada um e

**Evento:** XX Jornada de Extensão - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

consequentemente, exercita-se a capacidade de escuta – tanto com o outro quanto em si.

Os processos de Justiça Restaurativa desenvolvem uma forma de se relacionar produzindo como resultado reflexões, escuta, geração de vínculos e paz. Os círculos são baseados em valores civilizatórios fundamentais para o desenvolvimento de práticas que acolham o indivíduo, numa condição de agente de seu próprio discurso. Os processos circulares promovidos por essas práticas atendem à uma demanda invisível: a necessidade de falar e ser escutado.

A psicanálise se estruturou no final do século XIX a partir da hipnose. Nos seus primórdios, Sigmund Freud descobriu a utilização do método catártico para produzir efeitos terapêuticos.

O termo foi retomado por Sigmund Freud\* e Josef Breuer\*, que, nos Estudos sobre a histeria\*, chamam de método catártico o procedimento terapêutico pelo qual um sujeito consegue eliminar seus afetos patogênicos e então ab-reagi-los, revivendo os acontecimentos traumáticos a que eles estão ligados. (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 107)

Ao falar, de forma a reviver a cena traumática, o sujeito consegue produzir uma resignificação do que no início gerou sofrimento. Ocorre também uma escuta de si mesmo, gerando de certa forma autoconhecimento e empoderamento, uma mudança de posição quanto à situação.

De acordo com Fochesatto (2011), Freud encontra através do discurso, uma forma de dar resignificação a um afeto indesejado. A autora ainda segue

No mesmo texto, ao falar de trauma psíquico, Freud expõe que, quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança. Entende-se por “reação” todo tipo de “reflexos involuntários, das lágrimas aos atos de vingança”. Prossegue dizendo que, quando a reação ocorre em grau suficiente, grande parte do afeto desaparece e faz uso de expressões cotidianas como “desabafar pelo pranto” ou “desabafar através de um acesso de cólera”, a fim de explicar o processo terapêutico realizado através da fala. (FOCHESATTO, 2011, p. 166)

Apesar da psicanálise ter se fundamentado na dimensão de um setting clínico tradicional, vários teóricos vieram a estudar os conceitos psicanalíticos dentro da dimensão grupal.

Embora o falar no círculo restaurativo não se organize na forma terapêutica, traz à tona histórias carregadas de sentimentos, nem sempre fáceis de serem relatadas a um grupo. Para que os sujeitos falem, de forma a se entregarem, é necessário a construção de um bom rapport dado pelo facilitador. O facilitador propõe ao grupo a construção de diretrizes que irão reger o grupo, no momento em que todos estão na disposição circular, o que faz parte do processo que envolve os

**Evento:** XX Jornada de Extensão - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

participantes e faz com que todos se impliquem na realização do círculo. Isso faz parte da construção de uma ligação de sintonia e empatia que circulará no ambiente até a finalização da atividade e podendo se estender à convivência das pessoas que participaram do mesmo.

A partir da fala em grupo, gera-se identificação.

A identificação será concebida por Freud como a forma original e primeira da constituição do laço, sendo por isso considerada como prévia a qualquer escolha objetal: o eu da criança se serve do mecanismo da identificação em uma tentativa de resolver o enigma do seu ser: afinal, quem sou eu? E é pela via da identificação que os valores nas trocas simbólicas subsequentes serão estabelecidos. (ROSA e CERRUTI, 2013, p. 14)

A fala no contexto grupal, portanto, dará lugar ao momento de escuta e vivência de uma identificação, traduzindo as (talvez) breves relações, em momentos de intensa vinculação, baseadas na dimensão empática. “Para que haja um espaço de fala em grupos, é necessário que eles identifiquem um espaço de escuta percebendo o mesmo como um ambiente seguro para expor suas angústias e fragilidades, bem como os afetos que lhes constituem” (MANCIA e BORDA, 2019).

Segundo Bastos (2009), “é preciso estabelecer uma diferença fundamental entre ouvir e escutar”. Nesse sentido, relacionamos o ouvir aos processos biológicos tais como o sentido da audição e a própria estrutura do ouvido. Já escutar está para além de ouvir, visto que a mesma requer atenção, sendo esta uma função essencial da escuta.

Sendo assim, no que se refere ao espaço clínico, Freud ao longo de seus estudos junto a Breuer, começou a considerar a escuta como método do qual poderia ter acesso ao sofrimento dos seus pacientes (FOCHESATTO, 2011). Desta forma, aos poucos foi abandonando a hipnose e dando espaço para a associação livre.

Em suma, Gorjon, Mezzari e Basoli (2019) afirmam que “uma escuta terapêutica e qualificada opera grandes transformações nas práticas em psicologia”. Partindo deste pressuposto, conseguimos compreender o valor da escuta - seja de si ou com os demais - logo, percebemos o seu valor em grupos - embora os círculos restaurativos não sejam grupos terapêuticos - uma vez que ao falar espera-se um acolhimento daquilo que foi dito e para isso a escuta é primordial no ambiente coletivo.

## **CONCLUSÃO**

Diante do exposto, faz-se notório explicitar que o diálogo entre a Justiça Restaurativa e a Psicanálise está em fase inicial. A partir de certas observações, compartilhadas nas vivências pelo Projeto Cidadania para Todos, alguns pontos teóricos ficam muito visíveis, porém as práticas

**Evento:** XX Jornada de Extensão - BOLSISTAS DE GRADUAÇÃO UNIJUI

restaurativas não possuem o objetivo terapêutico, considerado na psicanálise. O campo jurídico está implicado com a gestão dos conflitos e os benefícios promovidos pelo processo restaurativo para as pessoas envolvidas.

O que se observa no entrelaçamento entre as áreas do direito e da psicanálise é o valor dado à linguagem, quando se enfatiza a fala e a escuta. Deve haver uma preocupação quanto à qualificação dos facilitadores, que necessitam proporcionar que os discursos circulem livremente e com isso constituam laços sociais, pois os sujeitos participantes das atividades podem não se sentir convocados em sua singularidade para dar conta do que lhe foi solicitado.

## REFERÊNCIAS

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologia Institucional e processo grupal**. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002.

FOCHESATTO, Waleska Pessato Farenzena. **A cura pela fala**. Estudos de Psicanálise: Belo Horizonte, n 36, p. 165-172, Dezembro/2011.

HAUSER, Ester Eliana, et. al. **Cidadania e Direitos Fundamentais**: a experiência do projeto "Cidadania para Todos". Ijuí: Unijui, 2013.

ROSA, Miriam Debieux. CERRUTI, Marta. **Da rivalidade à responsabilidade**: reflexões sobre a justiça restaurativa a partir da psicanálise. Psicologia USP: São Paulo, v. 25, n. 1, p. 13-19, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

GORJON, Melina Garcia; MEZZARI, Danielly Christina de Souza & BASOLI, Laura Pampana (2019). **Ensaio de lugares de escuta**: diálogos entre a psicologia e o conceito de lugar de fala. Quaderns de Psicologia, 21(1), e1455. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1455>

ZILLOTTO, Denise Macedo. **A posição do Sujeito na Fala e seus efeitos**: uma reflexão sobre os Quatro Discursos. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n1-2/a21v1512.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.